

das ideologias e é cada vez mais evidente que já não possuem futuro algum. Encarar unicamente a colectividade constituiu o seu maior pecado. Tomemos como exemplo o comunismo. Durante séculos apresentou-se-nos como um substituto, o único, dos nacionalismos envelhecidos, como a esperança de uma fé comum, universal. Tudo isto se averiguou ser falso. Não só não logrou aniquilar o nacionalismo, como este tem até ressurgido recentemente, animado de forças novas, mesmo em espaços dominados pelo comunismo. Os estados comunistas são hoje centros pujantes de nacionalismo. Esta irrupção nacionalista considero-a como fatal e funesta para o provir da Humanidade, mas sou forçado a admitir que é muito forte e poderá mesmo destruir, não apenas a sociedade comunista, mas até a humana, em geral. O senhor bem compreende ao que pretendo referir-me. Um conflito entre nacionalismos seria hoje de tremendas consequências para todos os seres humanos, seria, quiçá, o fim da Humanidade. Um conflito entre russos e chineses, por exemplo, com as armas de que os nacionalismos dispõem. Penso que a unidade é imprescindível neste nosso mundo tecnológico. Se assim não acontecer, o mundo que sobreviveu ao comunismo será destruído pelo nacionalismo. Há crise devida àquele vazio a que atrás fiz referência, crise e mal-estar, inquietude universal, isto porque não surge em parte alguma uma personalidade forte capaz de fazer coincidir a técnica com o nacionalismo. Os jovens têm medo e reagem em conformidade.

V. H. — Se nem o cristianismo nem as ideologias cumpriram as suas promessas, qual se lhe afigura a melhor fórmula para assegurarmos um futuro unitário?

A. T. — O marxismo é uma heresia cristã, surgida num momento em que o cristianismo descurou a justiça social. Na época de Marx, a Igreja, os cristãos em geral, abstiveram-se de cuidar desse aspecto social da existência do qual tanto se fala em nossos dias. Surgiu então o marxismo na intenção de reparar essa falta. Mas o erro de Marx consistiu essencialmente em só cuidar de um dos lados ou aspectos de uma sociedade moderna. Não se pode erigir um mundo novo apenas sobre o ~~cabouco~~ social. O marxismo constituiu, pois, uma Weltanschauung* parcial, incompleta. Pode também afirmar-se que o marxismo é um cristianismo e um judaísmo unidos sob uma perspectiva agnóstica, mas de qualquer maneira é-lhe impossível libertar-se da carapaça dessas duas religiões. Se o cristianismo encarar a sério os problemas sociais, então poderá por sua vez substituir o marxismo. É o que sucederá provavelmente, já que caminhamos para tempos fortemente impregnados de religião. Por tal motivo, pareceu-me de veras interessante a experiência dos «padres operários», mais sociais

que dogmáticos. É um risco que a Igreja corre neste momento, mas é possível que o marxismo saia definitivamente batido com as suas próprias armas.

V. H. — Pensa, portanto, que o comunismo perdeu a sua oportunidade. Porquê e quando, precisamente?

A. T. — Perdeu-se no preciso momento em que Estaline bateu Trotski. Foi Estaline quem racionalizou o comunismo, quem o bonapartizou, como se diz, o desvirtuou, o confundiu com o antigo nacionalismo russo e o esvaziou da esperança universal.

V. H. — Platão não aceitava nenhum dos sistemas políticos do seu tempo. Quando lhe perguntavam: «Qual dos governos e sistemas actuais crê mais convenientes e úteis à sabedoria», respondia: «Nenhum dos existentes.» Isto porque, em sua opinião, todos eram inimigos da sabedoria. Qual é o sistema que prefere e como encara o seu possível desenvolvimento?

A. T. — Penso que o regime democrático é o menos mau. Trata-se possivelmente de um preconceito pessoal tipicamente inglês. A democracia não é um sistema válido para todo o Mundo. Nem o Paquistão nem outro país de formação recente, a Nigéria, são países aptos para a democracia. Por conseguinte, a democracia resulta válida para certos países e inapta para outros.

V. H. — Como encara o próximo desenvolvimento da situação actual, segundo o esquema da sua filosofia, evidentemente?

A. T. — Não haverá terceira guerra mundial. Os Estados Unidos e a Rússia farão um ajuste, uma aliança, mas fá-la-ão demasiado tarde para que os dois possam dirigir o Mundo. Haverá um período de anarquia universal, ou seja, de desastres locais, vinte anos de distúrbios, indecisão, crises de toda a ordem. Chamo a tais períodos como este nosso, como sabe, «tempos revoltos», tempos que costumam preceder a formação de um império universal. A China prosseguirá na sua rota, aproveitando-se dessa situação. Sim, estive na China e no Japão, quando visitei também a Roménia. Notei uma diferença enorme entre a Sibéria e a China, entre uma região totalmente despovoada e outra perigosamente superpovoada. É esta uma realidade muito visível, cujas consequências estão já diante dos nossos olhos. O problema é: quem será o beneficiário deste vazio, e como? Se eu fosse russo estaria bastante inquieto neste momento. Sim, conheço o livro de que o senhor me fala (tinha-lhe perguntado se conhecia *O Mundo Russo*, de Gonzague de Reynold, no qual o historiador suíço demonstra que têm existido ciclos pró-orientais na história russa e que desde a revolução comunista a Rússia vive, tal como antes de Pedro, o Grande, uma fase antiocidental e pró-oriental).

das ideologias e é cada vez mais evidente que já não possuem futuro algum. Encarar unicamente a colectividade constituiu o seu maior pecado. Tomemos como exemplo o comunismo. Durante séculos apresentou-se-nos como um substituto, o único, dos nacionalismos envelhecidos, como a esperança de uma fé comum, universal. Tudo isto se averiguou ser falso. Não só não logrou aniquilar o nacionalismo, como este tem até ressurgido recentemente, animado de forças novas, mesmo em espaços dominados pelo comunismo. Os estados comunistas são hoje centros pujantes de nacionalismo. Esta irrupção nacionalista considero-a como fatal e funesta para o provir da Humanidade, mas sou forçado a admitir que é muito forte e poderá mesmo destruir, não apenas a sociedade comunista, mas até a humana, em geral. O senhor bem compreende ao que pretendo referir-me. Um conflito entre nacionalismos seria hoje de tremendas consequências para todos os seres humanos, seria, quiçá, o fim da Humanidade. Um conflito entre russos e chineses, por exemplo, com as armas de que os nacionalismos dispõem. Penso que a unidade é imprescindível neste nosso mundo tecnológico. Se assim não acontecer, o mundo que sobreviveu ao comunismo será destruído pelo nacionalismo. Há crise devida àquele vazio a que atrás fiz referência, crise e mal-estar, inquietude universal, isto porque não surge em parte alguma uma personalidade forte capaz de fazer coincidir a técnica com o nacionalismo. Os jovens têm medo e reagem em conformidade.

V. H. — Se nem o cristianismo nem as ideologias cumpriram as suas promessas, qual se lhe afigura a melhor fórmula para assegurarmos um futuro unitário?

A. T. — O marxismo é uma heresia cristã, surgida num momento em que o cristianismo descurou a justiça social. Na época de Marx, a Igreja, os cristãos em geral, abstiveram-se de cuidar desse aspecto social da existência do qual tanto se fala em nossos dias. Surgiu então o marxismo na intenção de reparar essa falta. Mas o erro de Marx consistiu essencialmente em só cuidar de um dos lados ou aspectos de uma sociedade moderna. Não se pode erigir um mundo novo apenas sobre o ~~cabouco~~ social. O marxismo constituiu, pois, uma Weltanschauung* parcial, incompleta. Pode também afirmar-se que o marxismo é um cristianismo e um judaísmo unidos sob uma perspectiva agnóstica, mas de qualquer maneira é-lhe impossível libertar-se da carapaça dessas duas religiões. Se o cristianismo encarar a sério os problemas sociais, então poderá por sua vez substituir o marxismo. É o que sucederá provavelmente, já que caminhamos para tempos fortemente impregnados de religião. Por tal motivo, pareceu-me de veras interessante a experiência dos «padres operários», mais sociais

que dogmáticos. É um risco que a Igreja corre neste momento, mas é possível que o marxismo saia definitivamente batido com as suas próprias armas.

V. H. — Pensa, portanto, que o comunismo perdeu a sua oportunidade. Porquê e quando, precisamente?

A. T. — Perdeu-se no preciso momento em que Estaline bateu Trotski. Foi Estaline quem racionalizou o comunismo, quem o bonapartizou, como se diz, o desvirtuou, o confundiu com o antigo nacionalismo russo e o esvaziou da esperança universal.

V. H. — Platão não aceitava nenhum dos sistemas políticos do seu tempo. Quando lhe perguntavam: «Qual dos governos e sistemas actuais crê mais convenientes e úteis à sabedoria», respondia: «Nenhum dos existentes.» Isto porque, em sua opinião, todos eram inimigos da sabedoria. Qual é o sistema que prefere e como encara o seu possível desenvolvimento?

A. T. — Penso que o regime democrático é o menos mau. Trata-se possivelmente de um preconceito pessoal tipicamente inglês. A democracia não é um sistema válido para todo o Mundo. Nem o Paquistão nem outro país de formação recente, a Nigéria, são países aptos para a democracia. Por conseguinte, a democracia resulta válida para certos países e inapta para outros.

V. H. — Como encara o próximo desenvolvimento da situação actual, segundo o esquema da sua filosofia, evidentemente?

A. T. — Não haverá terceira guerra mundial. Os Estados Unidos e a Rússia farão um ajuste, uma aliança, mas fá-la-ão demasiado tarde para que os dois possam dirigir o Mundo. Haverá um período de anarquia universal, ou seja, de desastres locais, vinte anos de distúrbios, indecisão, crises de toda a ordem. Chamo a tais períodos como este nosso, como sabe, «tempos revoltos», tempos que costumam preceder a formação de um império universal. A China prosseguirá na sua rota, aproveitando-se dessa situação. Sim, estive na China e no Japão, quando visitei também a Roménia. Notei uma diferença enorme entre a Sibéria e a China, entre uma região totalmente despovoada e outra perigosamente superpovoada. É esta uma realidade muito visível, cujas consequências estão já diante dos nossos olhos. O problema é: quem será o beneficiário deste vazio, e como? Se eu fosse russo estaria bastante inquieto neste momento. Sim, conheço o livro de que o senhor me fala (tinha-lhe perguntado se conhecia *O Mundo Russo*, de Gonzague de Reynold, no qual o historiador suíço demonstra que têm existido ciclos pró-orientais na história russa e que desde a revolução comunista a Rússia vive, tal como antes de Pedro, o Grande, uma fase antiocidental e pró-oriental).

arte-bau

* Welt = mundo
anschauung = contemplação